

Tropa segue para conter ameaça dos índios

Tribo curina vive dispersa

Os curinas vivem espalhados em grupos pelo Alto Juruá e Purus. Mais de 150 trabalham no seringal Penedo, acima da cidade de Eirunepé, nos limites com Envira. Os especialistas consideram-nos mais civilizados do que selvagens — vivem da cultura de mandioca, da caça e da pesca, e trabalham para os patrões nos seringais. O aldeamento de Penedo é mais conhecido por aldeia Piaú.

A suposição de que os curinas teriam reunido todos os seus grupos — perto de 35, totalizando, segundo a Funai, cerca de 350 indivíduos — para atacar a cidade de Envira é um fato considerado pouco provável pelos estudiosos da região, admitindo-se apenas que eles possam em alguma ocasião ganhar a adesão dos Canamaris, muito mais numerosos mas de língua e hábitos diferentes. As duas tribos mantêm relações de amizade, sendo comum a troca de presentes entre elas. Na Funai, em Brasília, não se tem notícia sobre nenhum ataque de curinas a Envira.

A TRIBO

Os Curinas pertencem ao tronco linguístico dos Aruaques e, segundo a Funai, vivem em cinco vilas nas proximidades da fronteira com o Peru. São também denominados corina, colina ou culina, na região do Chimam, afluente do rio Juruá. No futuro, a Transamazônica deverá passar perto de suas terras, mas — informou-se em Brasília — não será necessário o deslocamento de equipes de sertanistas da Funai para o local, pois eles são índios totalmente integrados.

Apesar disso, muitos ainda usam tangas e só concordam em vestir roupas quando entram em contato com os civilizados. Têm, portanto, hábitos comuns aos silvícolas e são muito desconfiados em relação ao homem branco, apesar da assistência permanente dos missionários que lhes dão remédios, roupas e até escola primária. Alguns falam um português precário e quase todos permanecem indecisos quanto à religião. Ouvem as pregações da "Missão Novas Tribos do Brasil", que incluem trechos traduzidos da Bíblia.

CANAMARIS

Os canamaris vivem bem próximos à região dos curinas. São muito parecidos fisicamente: morenos, estatura média, cabelos pretos, lisos e grossos; e nariz achatado. Muitos consideram-nos mais inteligentes do que os curinas, pois entendem melhor os ensinamentos dos missionários, aceitando normalmente a religião e, ainda, são mais trabalhadores.

Outra tribo que vive na Região é a dos jeminauas. A suposição de que tenham participado nos incidentes de Envira está totalmente afastada porque se encontram a grande distância da região.

Os jeminauas são mais ou menos 450 e estão distribuídos em duas localidades: no rio Iacó, acima de Sena Madureira, no Estado do Acre, proximidades da área onde recentemente caiu o DC-3 da Cruzeiro do Sul — e na confluência dos rios Purus e Chanocles.



A região; casal curina civilizado; soldados prontos para a viagem

Do correspondente em Manaus

Tropas da Polícia Militar de Manaus foram mobilizadas ontem e seguiram num C-47 da FAB, armadas de metralhadoras, para o município de Envira, no Alto Juruá, onde os índios curinas se rebelaram e atearam fogo a uma casa de farinha, além de fazer ameaças à população. Segundo informações chegadas a Manaus, os índios se revoltaram contra a prisão de um companheiro, que assassinara outro índio numa briga.

Os curinas não quiseram reconhecer a autoridade do delegado de Envira, sargento José Ivan da Silva, da Polícia Militar, quando este tentou prender o índio. Diante da rebelião da tribo, o sargento fugiu da cidade, segundo informou o prefeito Leland Barroso, de Eirunepé, município vizinho. A seu ver, houve muita precipitação por parte do delegado de Envira, que pediu socorros urgentes à Secretaria de Segurança do Estado.

Leland Barroso salientou ainda que o prefeito de Envira não chegou a deixar a cidade, mas apenas o delegado, o qual, sentindo fugir sua autoridade, resolveu fazer o apelo, "tentando dar proteção efetiva à população".

CONTRADIÇÕES

Apesar das afirmativas do prefeito de Eirunepé, cidade que se encontra a doze horas, em barco, de Envira, as notícias da rebelião são bastante contraditórias. O comandante do destacamento militar que se deslocou para a região, tenente Edval Fonseca, da Polícia Militar, disse

antes de embarcar para Eirunepé que também o prefeito de Envira havia fugido, ante a ameaça dos índios.

Até à tarde de ontem, nem a Secretaria de Segurança do Amazonas nem a Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio haviam emitido qualquer comunicado oficial sobre a situação na área de Envira. Comentou-se apenas que os curinas estavam sublevados e ameaçando queimar a cidade. Os silvícolas, na noite de sábado, teriam invadido a área, o que levou a autoridade policial a pedir socorros ao secretário de Segurança Pública, coronel Eduardo Casares. Este determinou a ida de 15 soldados e um oficial da Polícia Militar, fortemente armados de fuzis e metralhadoras. Juntamente com os militares, seguiram três funcionários da Funai e dois guias indígenas.

COMO FOI

Na noite de sábado, o secretário de Segurança do Amazonas, recebeu comunicado de Eirunepé, informando que os índios curinas haviam se revoltado e ameaçavam atear fogo à cidade de Envira, em cuja área vivem cerca de três mil pessoas.

Como o quadro descrito era assustador, o coronel Eduardo

Casares entrou em contato, imediatamente, com a Funai e com a FAB. Em seguida, acertou o envio de um destacamento de soldados da Polícia Militar e de funcionários da Funai. O avião decolou de Manaus no domingo, parou para escalas e somente ontem as forças militares alcançaram Eirunepé. Envira dista doze horas de barco e não conta com campo de pouso, o que está dificultando a operação.

O tenente Edval Fonseca declarou em Manaus, antes de seguir para Envira, que recebera instruções para agir com a maior moderação possível. "A informação que temos — disse aos jornalistas — é de que mais de 800 índios tentaram incendiar a cidade". Salientou ainda que o comando da Polícia Militar em Manaus permanecerá alerta para o envio de reforço imediatamente, caso seja necessário.

MISSIONÁRIOS

Há mais de quatro anos que a missão Novas Tribos do Brasil trabalha na região do Purus. Seus membros têm grande responsabilidade na transformação que já se operou ali entre os silvícolas, dando-lhes instrução primária e conduzindo-os para a civilização.

Henrique Leowen, um dos integrantes da missão, com 45 anos, quatro dos quais operando na região, ficou bastante apreensivo quando soube em Manaus da rebelião dos índios curinas. E disse: "Acho incrível isso. Não é para acreditar. Os índios vivem bem, em perfeita comunhão com todos".

O missionário revelou que sua organização mantém núcleos de integração dos silvícolas, os quais trabalham especialmente com os curinas, canamaris, jaminauas e marubes. Nesse trabalho, a missão mantém dois casais, um deles com dois filhos, e outros dois operando na missão Puraquequara.